



Tempos infraestruturais na favela carioca

Infrastructural Times in the favela

Ana Clara Chequetti ¹

clarachequetti@iesp.uerj.br

<https://orcid.org/0000-0002-4128-8456>

<http://lattes.cnpq.br/8138418114803420>

¹ - Doutoranda em Sociologia no IESP-UERJ, bolsista CAPES e pesquisadora do grupo CASA/IESP e ResiduaLab/UERJ.

Resumo: O ensaio Tempos Infraestruturais direciona o olhar para como as políticas das infraestruturas na favela geram tempos e espaços específicos, administrando a vida nas comunidades. Suas materialidades não apenas incorporam vestígios de regimes políticos, como também (re)produzem subjetividades e lugares sociais de raça, classe e gênero.

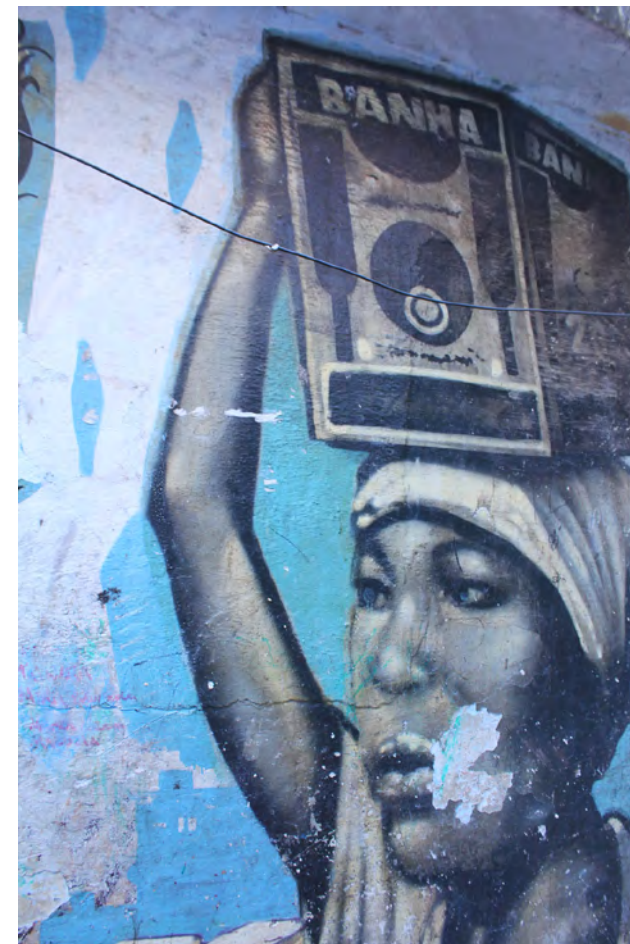
Palavras-chave: Infraestruturas urbanas; urbanização; favela

Abstract: The essay *Infrastructural Times* directs the sight to how the politics of infrastructure at the favela produces particular times and spaces, managing life at these communities. Its materialities not only embody traces of political regimes, but also (re)produce subjectivities and social places of race, class and gender.

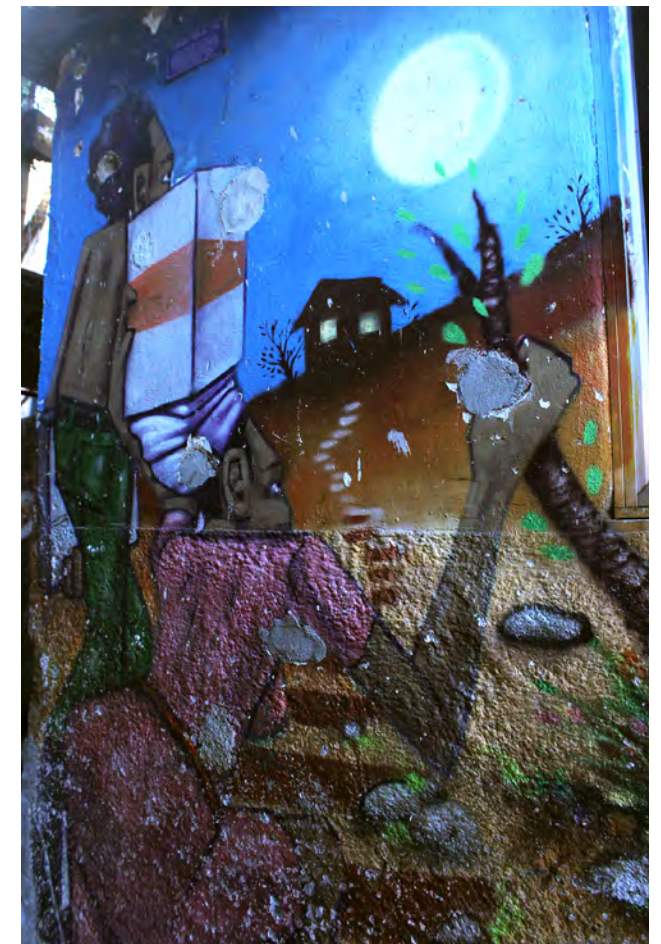
Keywords: urban infrastructures; urbanization; favela

Neste ensaio, a partir de uma visita de campo ao circuito do Museu de Favela (MuF)¹ nos morros do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (PPG), localizados entre os bairros de elite de Copacabana e Ipanema (RJ), esboço algumas reflexões sobre como as políticas infraestruturais impõe temporalidades, ritmos e circulações no cotidiano da favela dialogando desde uma perspectiva da antropologia das infraestruturas.

A proibição oficial de construção de casas em favelas perdurou por muitas décadas, reproduzindo a ideia de que seriam uma “aberração” e ratificando uma política de extinção às favelas que motivou diversas tentativas de remoção do PPG ao longo do tempo. Diante da criminalização da favela, onde a ausência de provisão de serviços e infraestrutura age também como política de remoção, como conseguir água, luz e gerir resíduos nessas condições? Nesse contexto, a lata d’água aparece como tecnologia infraestrutural fundamental.



01



02

1 - O MuF surge com a proposta de tomar toda a favela como um museu vivo à céu aberto e patrimônio cultural, tornando-se primeiro um ponto de cultura do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) e depois oficializando-se como ONG. Disponível em: <https://www.museudefavela.org/>

O drama das mulheres de ir até o asfalto encher as latas de água e depois carrega las cheias na cabeça morro acima é recontado por moradores de todas as favelas cariocas. Descer o morro, procurar por pontos possíveis de água no asfalto, pedir para encher em locais de serviço, negociar solidariedades, para depois subir o morro com a lata cheia na cabeça. Longe de ser uma tarefa simples, vemos um árduo caminho para a água, traçando estratégias e rotas que impõe ao cotidiano dessas mulheres certas circulações e ritmos. Fazer a água chegar na favela exige tempo, esforço, trabalho e negociações delicadas.

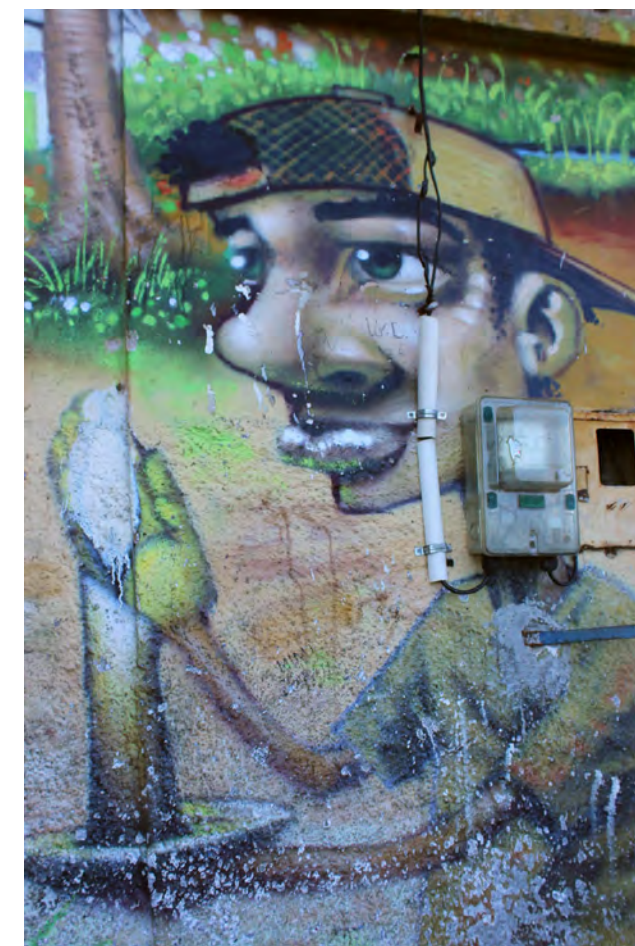


03

Como gerir excrementos? A lata também performa um sistema sanitário nessas condições, carregando a água suja e resíduos para valas. Nesse momento, a favela é vista como a epítome da antihigiene, uma patologia social, vértice de doenças que deveria ser extirpada do corpo social (Valladares 2000). Essa visão sustenta a segregação, legitimando a negação de apoio infraestrutural que provoca, por sua vez, as condições de precarização da vida que geram os lixões e esgotos que reforçam esses estereótipos.



04



05

Foi apenas em 1960 que chegou a primeira bica d'água ao pé do morro. A escassez faz com que as pessoas sejam obrigadas a condicionar o consumo de água àquela quantidade disponível para lavar, cozinhar, beber, etc. A todo o momento os ritmos de vida estão sendo determinados pela política da água que altera como os moradores vão gerir seu tempo cotidiano.



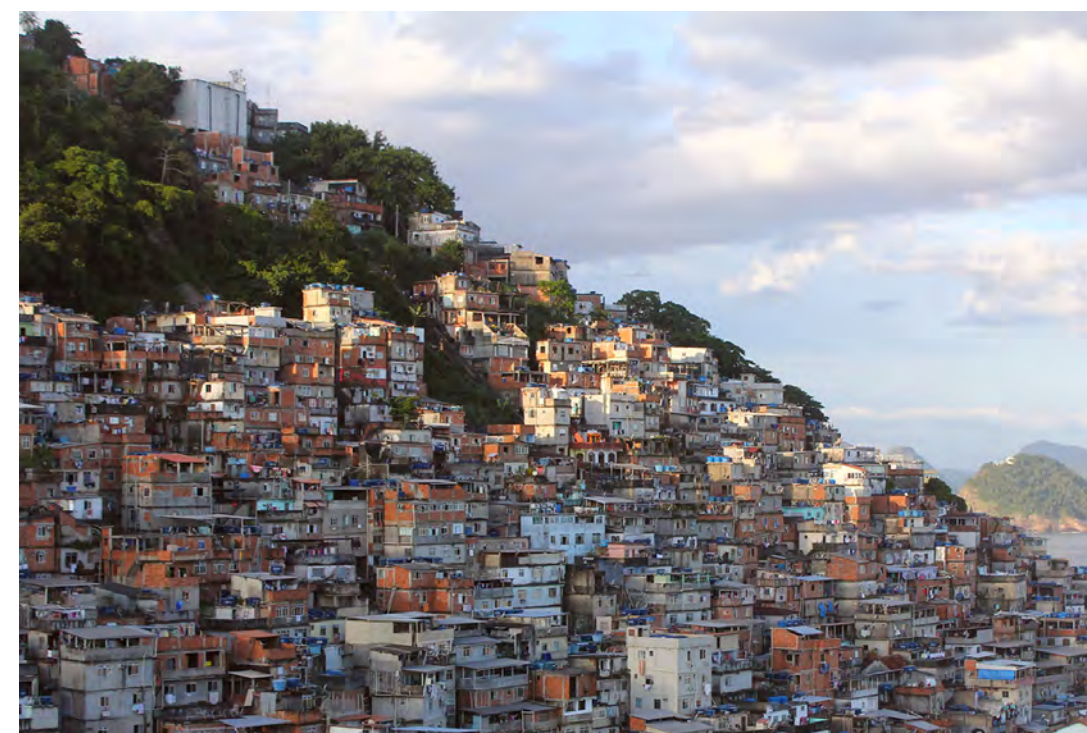
06

Durante os anos 1980 o PPG recebe o primeiro programa de urbanização que tenta regularizar o fornecimento de luz e água, fazendo com que essas estruturas passem por paulatinas melhorias ao longo dos anos, no entanto longe de abastecer toda comunidade.



07

O PPG recebeu as obras do PAC, dentre elas um emblemático Elevador e “Mirante da Paz”. A integração PAC e UPP foi o motor de funcionamento da política de PACificação de favelas do Rio Olímpico. Seguindo uma lógica que correlaciona o combate à violência ao desenvolvimento da infraestrutura material, produziu a “inscrição monumental da favela na paisagem urbana” através de grandes obras estéticas que podem ser vistas à distância e que configuram uma espetacularização da “integração” produzindo um regime ambíguo de (in)visibilidade das favelas (Cavalcanti 2014).



08

Essas construções monumentais sempre visíveis do asfalto visam representar a promessa de um Rio de Janeiro urbano e pacificado. Grandes símbolos que marcam um tempo específico que separará passado e futuro, demarcando uma suposta entrada no mundo global e urbanizado (Gupta 2018). Enfatizando as vias de conexão entre a favela e o asfalto, o Elevador não era simplesmente um meio de transporte, era também turístico, estético e conectaria material e simbolicamente o bairro de Copacabana à favela do PPG. Sua gigantesca estrutura materializaria a própria pacificação, ao passo que tem como efeito esperado fazê-la acontecer. Desativado já há alguns anos, é preciso pegar um outro elevador em um gigantesco ex-quase-hotel de luxo.



09

Coisas que “iam ser” e não foram, coisas que “foram” um dia e não são mais. Caminhar hoje pelo PPG é andar em meio a vários pedaços e ruínas desses diversos planejamentos: restos do que foi o CIEP, o Criança Esperança, o hotel de luxo, a pacificação. Todas essas infraestruturas são vestígios de ideologias de administração da vida nas favelas, carregam símbolos políticos e promessas de futuro do que se idealiza como cidade. Essas obras inacabadas ou abandonadas são, portanto, ruínas do futuro (Gupta 2018).

O Hotel Panorama é uma ruína da política dos anos 1960 de favorecimento de construtoras e a falida remoção de favelas, e posteriormente representa também a ruína da política de segurança do GPAE e de muitas ONGS filantrópicas que, cada uma a seu modo, propunham soluções para o “problema” favela. Assim como o Elevador da “Paz” é um símbolo da ruína da política de pacificação que prometia uma integração da favela através do policiamento e obras infraestruturais.



10

Mesmo após as obras do PAC, o serviço de luz e água ainda tem instabilidades e intermitências. A vida cotidiana é condicionada pelas interrupções infraestruturais, horas e dias em que a água “sobe” (ou não), momentos em que a luz é cortada e a possibilidade de incursão policial. A desigualdade infraestrutural produz os favelados como os “outros” da cidade, retroalimentando estereótipos e justificativas de intervenção violentas. Produz, ao mesmo tempo, lugares sociais e relações de classe, gênero e raça na cidade, decidindo que pessoas vão ter suas vidas cotidianas condicionadas pela escassez.

Referências

CAVALCANTI, Mariana (2014). “Waiting in the ruins: the aesthetics and politics of favela urbanization in “PACification” Rio de Janeiro” In: GRAHAM, Steve; McFARLANE, Colin. Infrastructural lives: urban infrastructure in context. London / New York: Routledge.

GUPTA, Akhil (2018). “The Future in Ruins: thoughts on the Temporality of Infrastructure” in: ANAND, Nikhil; GUPTA, Akhil; APPEL, Hannah. The Promise of Infrastructure. Durham: Duke University Press.

VALLADARES, Lícia (2000). A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. Revista Brasileira de Ciências Sociais Vol. 15 no 44. São Paulo: ANPOCS.